



VOZ DA FÁTIMA

A festa do Natal de Jesus que se aproxima leva-nos em espírito até à humilde gruta de Belém, onde, há quase dois mil anos, a Virgem Santíssima recolheu em seus braços o Filho de Deus feito homem nas suas puríssimas entranhas. Foi Ela quem nos deu Jesus, ao aceitar generosamente a vontade de Deus e dispondo-se, prontamente, a cumpri-la. Como Ela, procuremos também fazer em tudo a vontade do Pai do Céu e alcançaremos a vida eterna que Cristo nos mereceu.

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XLVIII — N.º 579
13 DE DEZEMBRO DE 1970
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

Muito obrigado, Senhor!

CONTA - NOS o Evangelho (Lucas 17, 11-19) que, atravessando Jesus a Samaria e a Galileia, lhe saíram ao encontro dez leprosos, gritando de longe: «Jesus, Mestre, tem compaixão de nós».

Nosso Senhor olhou para eles e, compadecido da sua desgraça, disse-lhes: «Ide, mostrai-vos aos sacerdotes».

Enquanto iam de caminho, todos os dez ficaram curados. Porém, apenas um deles, um samaritano, voltou para trás e, ajoelhando-se aos pés de Jesus, agradeceu-Lhe tão grande milagre. O Divino Mestre, fitando-o, exclamou com espanto e amargura: «Não são dez os que foram curados? Os outros nove onde estão? Não se encontrou quem voltasse e desse glória a Deus, senão este estrangeiro!?»

A gratidão glorifica o Senhor e a ingratidão entristece-O. Bem o mostra este facto!

Os apóstolos, formados na escola do Senhor, compreenderam este dever primordial de todo o homem.

São Paulo, por exemplo, está continuamente a insistir no dever

da gratidão. «Não vos inquieteis com nada, mas em todas as circunstâncias manifestai a Deus as vossas necessidades por meio de orações e de súplicas unidas à acção de graças», escreve aos Filipenses (Fil. 4, 6), aos quais também confessa que dá graças a Deus sempre que deles se lembra.

Ao seu discípulo predilecto Timóteo recomenda: «Eu te rogo, pois, antes de tudo, que se façam súplicas, orações, acções de graças por todos os homens» (I Tim. 2, 1). Aos Efésios inculca: «Enchei-vos do Espírito Santo... dando sempre graças a Deus Pai por tudo, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo» (Ef. 5, 18-20). Aos Tessalonicenses: «Por tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Jesus Cristo com relação a todos vós» (I Tes. 5, 18). Aos Colossenses: «Sede gratos» (Col. 3, 15).

Fiel intérprete do seu Divino Fundador e dos apóstolos, porfia a Igreja em despertar no coração dos seus filhos o mais sentido reconhecimento para com Deus. A missa, sacrifício eucarístico, que quer dizer sacrifício de acção de graças, é toda ela repassada de tão nobre sentimento. Na magnífica doxologia do início exclamam o celebrante e os fiéis: «Nós Vos glorificamos, Nós Vos damos graças por Vossa imensa glória».

No Prefácio, depois de convidar o povo a levantar o coração ao alto, exclama o celebrante: «Demos graças ao Senhor nosso Deus», ao que os assistentes respondem: «É nosso dever, é nossa salvação». E o sacerdote continua: «É verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação dar-Vos graças sempre e em toda a parte.»

Nas diversas Orações Eucarísticas ou Cânones, quantas vezes se repete esta mesma ideia da gratidão para com o nosso Supremo e Maior Beneficor!

No *Te-Deum*, hino que a Santa Igreja frequentemente põe na boca dos seus ministros e que entoia nas solenidades, concretiza-se toda a gratidão dos homens diante da bondade do Senhor.

O Papa Pio XII várias vezes recordou aos portugueses a grande dívida de gratidão para com Deus e para com Nossa Senhora pelas suas Aparições da Fátima. Na radiomensagem de 31 de Outubro de 1942 lembra o grande Pontífice: «O primeiro e maior dever do

homem é o da gratidão» (Santo Ambrósio). «Nada há tão aceite a Deus, como a alma reconhecida, que dá graças pelos benefícios recebidos» (São João Crisóstomo). E vós tendes uma grande dívida para com a Virgem, Senhora e Padroeira da vossa Pátria.

Depois de ponderar o ressurgimento religioso e político de Portugal, prossegue o Santo Padre: «Honra aos beneméritos, que foram instrumento da Providência para tão grande empresa! Mas primeiro,

● Continua na página 2

OS SERVITAS HOMENAGEARAM O REITOR DO SANTUÁRIO

Os membros da Pia União dos Servitas reuniram-se no Santuário para testemunharem a Mons. António Antunes Borges o seu apreço e gratidão pelo zelo, trabalho e inteligente acção desenvolvida como Reitor do Santuário durante onze anos.

A festa, simples, mas de alto significado, constou de concelebração na Basilica, ao meio dia, sob a presidência de Mons. Borges, com a participação do Director da Pia União dos Servitas, P.º Manuel dos Santos Craveiro, e do Dr. José Nunes Carreira, professor do Seminário de Leiria. Junto ao altar-mor mais duma centena de membros da Pia União dos Servitas com as suas insígnias. Dois servitas ajudaram à missa.

No fim da Concelebração, que foi solenizada com cânticos pelas Servas de Nossa Senhora da Fátima, efectuou-se no refectório da Casa de Retiros «Senhora das Dores» um almoço de confraternização presidido por Mons. António Antunes Borges, em que tomaram parte os servitas e muitas outras pessoas amigas do homenageado e que lhe quiseram testemunhar o seu apreço pela obra realizada no Santuário.

Na altura própria pronunciaram palavras de homenagem os chefes dos Servitas D. Filipa Moura Neves e o Senhor José Marques Abreu, o médico do Hospital Dr. Miguel da Fonseca Barata, D. Celeste Alvaizere, Dr. Manuel Duarte Alves, D. Julieta de Carvalho e outros. Mons. Borges agradece

este testemunho de dedicação à Causa da Fátima e a colaboração prestada durante o seu tempo de reitor por todos estes leais e dedicados colaboradores em prol de tantos peregrinos de Nossa Senhora.

Todos os oradores foram unânimes em louvar o espírito de organização do ilustre reitor, tanto na liturgia, pastoral e cerimónias das peregrinações, no apetrechamento e dotação do material cirúrgico e condições de instalação no Hospital para os peregrinos doentes, como também nas condições de recepção dos próprios membros da Pia União dos Servitas, tendo alguns posto em confronto as condições do hospital há 20 anos e as de agora.

Por último, no salão da Casa dos Retiros houve uma sessão para entrega a Mons. Borges duma lembrança da Pia União dos Servitas — 10 volumes da obra «Arquivo Histórico Português» — e desceramento duma placa comemorativa na secretaria geral dos Servitas, no Hospital. Estes actos foram precedidos de palavras proferidas pelo P.º Manuel dos Santos Craveiro, que Mons. Reitor agradeceu sensibilizado.

A estes actos assistiram também diversos sacerdotes de Leiria e das paróquias à volta do Santuário.

Muitos servitas e amigos de Monsenhor Borges enviaram cartas e telegramas associando-se a esta homenagem.

Na gravura, o homenageado agradece.



Mensagem

de Natal

É Natal! — Não chores, sorri,
Espalhando a alegria;
Esquece-te um pouco de ti,
Dá um sorriso a Maria!

Reza, tem fé em Jesus,
Não queiras pensar no mal;
A noite termina em luz,
E hoje é dia de Natal!

A estrela que disse ao mundo
Que o seu Salvador nasceu,
Hoje, mistério profundo,
Tem mais luz, brilha no Céu.

As aves cantam baixinho,
Tem mais perfume a flor!
Os anjos cantam glórias
Numa mensagem de amor!

Numa mensagem de amor,
Fé, esperança e caridade!
Hossanas ao Criador,
Ao Deus Pai, luz da verdade.

Aldeia Nova de S. Bento

DIONÍSIO ROSÁRIO

Vida do SANTUÁRIO

OUTUBRO

I CENTENÁRIO DA MORTE DE S. ANTÓNIO MARIA CLARET

Os missionários do Coração de Maria (claretianos) comemoraram na Basílica o I Centenário da morte do seu fundador Santo António Maria Claret, cuja estátua ali se encontra.

A festa constou de missa concelebrada e pregação pelo P.º Dr. João Alves, Provincial da Congregação.

Tomaram parte nas comemorações, além dos superiores, professores e alunos do Seminário do Coração de Maria, representantes de outros seminários e congregações da Fátima e muitas outras pessoas.

PEREGRINAÇÃO DOS TRABALHADORES DA «FIAT»

Três Bispos, vários sacerdotes e mais de 600 pessoas tomaram parte na primeira peregrinação organizada para trabalhadores e familiares das Organizações FIAT.

Estes peregrinos vieram da Itália, de Lisboa, Porto e Vendas Novas, para orar junto da imagem da Virgem da Fátima pelas suas necessidades espirituais e pedir as bênçãos de Deus para a sua empresa e para as suas famílias.

As cerimónias constaram de saudação à Virgem, na Capelinha das Aparições, procissão de velas e concelebração e procissão com a imagem de Nossa Senhora.

O Sr. D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria, saudou os peregrinos e fez a homilia na concelebração. Falou ainda na altura da chegada dos peregrinos o Sr. D. Manuel Franco Falcão, Bispo titular de Telepte e auxiliar de Lisboa.

Nesta peregrinação tomaram parte o Arcebispo de Perugia (Itália), D. Rafael Barata, o P.º João Baptista Carrara, reitor da igreja do Loreto, de Lisboa e promotor da peregrinação, etc.

GRUPO CORAL DE SANTA EDVIGES, DA CATEDRAL DE BERLIM

O célebre grupo coral da catedral de Berlim veio à Fátima cantar uma missa de louvor à Virgem.

Este grupo que é composto de 140 figuras que exercem na cidade de Berlim as mais variadas profissões, desde médicos, advogados, enfermeiras, operários, etc., e muitos deles pertencentes à mesma família, cantou durante a concelebração do meio dia na Basílica, sob a direcção do maestro Mons. Anton Lippe.

A concelebração foi presidida pelo Rev. Dr. Gabriel da Costa Maia, do Porto, que promoveu a vinda ao nosso País do célebre grupo coral, para actuar na Fátima, Porto e Lisboa. Os concelebrantes foram o Deão da Catedral de Berlim, Dr. Haendly, e o Vigário Episcopal de Berlim, Mons. Lutkehu.

Os berlinenses cantaram ainda na Capela das Aparições como homenagem a Nossa Senhora da Fátima.

NOVEMBRO

SUPERIOR GERAL DA COMPANHIA DE JESUS

Depois de ter visitado as várias casas (Seminário, noviciado e casas de formação espiritual) da Companhia de Jesus, no nosso País, o Padre Pedro Arrupe, Superior Geral desta Ordem, veio à Fátima, onde presidiu a uma concelebração com os superiores provinciais de Leão, Aragão, Castela, provincial regional da Espanha, e o P.º Vítor Blagote, assistente geral, de Roma, e os secretários dos provinciais da Espanha.

O P.º Arrupe, de nacionalidade espanhola, presidiu durante quatro dias a reuniões dos responsáveis da Companhia de Jesus, de Portugal e da Espanha, e tratou de assuntos relacionados com o governo e orientação teológica.

Acompanhava o Superior Geral o P.º José Carvalhais, provincial de Portugal. Na sacristia da Basílica o Padre Arrupe recebeu os cumprimentos dum representante do Santuário da Fátima, que lhe entregou um álbum comemorativo da peregrinação do Papa Paulo VI à Fátima, em 13 de Maio de 1967, que o Geral dos Jesuítas agradeceu.

No livro de honra do Santuário escreveu o Padre Arrupe as seguintes palavras:

«Em recordação da minha visita à Santíssima Virgem de Fátima, Rainha e Mãe da Companhia de Jesus: que a nossa Santíssima Mãe abençoe toda a família inaciana para que se mantenha cada vez mais fiel à sua missão e vocação de serviço à Igreja, debaixo do Vigário de Cristo. Padre Arrupe S. J.»

PEREGRINAÇÃO MENSAL

Na Basílica do Santuário efec-

tuaram-se as habituais cerimónias em honra da Virgem da Fátima com a presença de muitos fiéis que encheram por completo o vasto templo.

Presidiu à procissão com a imagem, da Capela das Aparições para a Basílica, o Sr. D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria. Tomaram parte nesta cerimónia e nas outras que se lhe seguiram numerosos sacerdotes e seminaristas, religiosos e religiosas e numerosos fiéis.

Às 11 horas, o Sr. Bispo Auxiliar presidiu à concelebração com os Revs. Dr. António Carreira Bonifácio e P. Luís Kondor. Na altura do evangelho o Sr. Bispo dirigiu-se aos peregrinos e falou-lhes no cumprimento dos deveres cristãos na hora presente, de acordo com a recomendação de Nossa Senhora: «Fazei tudo quanto meu Filho vos disser».

À missa, que foi solenizada com cânticos acompanhados no grande órgão, assistiram alguns doentes. Junto deles encontravam-se o médico Dr. Nascimento Costa que os atendeu no hospital e vários membros da Pia União dos Servitas.

Depois da missa e comunhão que foi numerosa, o Sr. D. Domingos de Pinho Brandão deu a bênção aos doentes e a todo o povo.

As cerimónias terminaram com a procissão do adeus.

MUITO OBRIGADO, SENHOR!

● Continuação da página 1

glória, bênção, acção de graças à Virgem Senhora, Rainha e Mãe da sua Terra de Santa Maria, que tem salvado mil vezes, que sempre lhe acudiu nas horas trágicas, e que nesta, talvez a mais trágica, o fez tão manifestamente».

E na radiomensagem do dia 13 de Maio de 1946, ao ser coroada solenemente pelo Legado Pontifício a imagem da Capelinha das Aparições, voltou o Augusto Pontífice a recordar o mesmo dever:

«... Basta abrir os olhos e ver esta Cova da Iria transformada em fonte manancial de graças soberanas, de prodígios físicos e, muito mais, de milagres morais, que a torrentes daqui se derramam sobre todo o Portugal, e de lá, rompendo pelas fronteiras, se vão espalhando por toda a Igreja e por todo o mundo. Como não agradecer, ou antes, como agradecer condignamente?»

Saibamos, pois, agradecer ao Senhor «sempre e em toda a parte» tantos benefícios que a todo o momento nos concede.

Queremos um modelo para o cumprimento deste dever? Encontramo-lo nos três Pastorinhos.

Referindo-se ao Rev. Dr. Manuel Nunes Formigão, que tanta influência teve, tanto na sua própria vida, como na dos seus dois primos, escreve a Lúcia:

«Interrogou-me séria e minuciosamente. Gostei muito dele, porque me falou muito da prática da

virtude ensinando-me alguns modos de a praticar. Mostrou-me uma estampa de Santa Inês, contou-me o seu martírio e animou-me a imitá-la. Sua Rev.ª continuou a ir lá todos os meses para o seu interrogatório, no fim do qual sempre me dava algum bom conselho com que me fazia algum bem espiritual. Um dia, disse-me:

— A menina tem obrigação de amar muito a Nosso Senhor por tantas graças e benefícios que lhe está concedendo.

Gravou-se tão intimamente na minha alma esta frase — acrescenta a pequena — que desde então adquiri o hábito de dizer constantemente a Nosso Senhor:

— Meu Deus, eu Vos amo em agradecimento pelas graças que me tendes concedido.

Comuniquei à Jacinta e a seu irmãozinho esta jaculatória de que tanto gostava e ela tomou-a tanto a peito que no meio das brincadeiras mais entretidas perguntava:

— Vocês têm-se esquecido de dizer a Nosso Senhor que O amam pelas graças que nos tem feito?»

Como os pastorinhos, multipliquemos o nosso muito obrigado a Deus e a Nossa Senhora por tantas graças e benefícios que a nós e à nossa Pátria têm concedido. Dêmos graças cada dia, antes de nos deitarmos, no fim das refeições, no último dia do ano e depois da recepção dos sacramentos, sobretudo da Confissão e Comunhão.

P.º Fernando Leite



FÁTIMA, 25-10-70 — Servitas que tomaram parte na homenagem ao Reitor.

João XXIII e o Rosário

MUITOS daqueles que exaltam a memória do Papa João XXIII por ter sido o Papa que iniciou o espírito de abertura na Igreja e por ter publicado a célebre *Mater et Magistra* sobre os problemas sociais e a injusta distribuição das riquezas estão muito longe de lhe seguirem os exemplos de zelo, de humildade e de profunda devoção à Santíssima Virgem.

Muitos espíritos que se julgam superiores já desprezam o Rosário como uma devoção monótona, ultrapassada, só própria de pessoas rudes e incultas.

Numa biografia do grande Papa lemos este episódio curioso: Quando João XXIII recebeu em audiência especial o genro de Krustchew, director do jornal moscovita «Izvestia», e a esposa, no final da audiência o Papa dirigiu-se-lhe dizendo: «Sabe, disseram-me que a uma princesa não católica eu devia oferecer moedas ou selos ou um livro... Mas eu dou-lhe na mesma o rosário. Nós, sacerdotes, ao lado da oração bíblica dos salmos, que é o Breviário, temos também esta forma popular de oração.

Para mim, estes quinze mistérios são quinze janelas através das quais olho, na Luz de Deus, tudo o que acontece no mundo. E rezo, rezo. Digo um terço de manhã, outro à tarde e outro à noite. Repare: impressionei os jornalistas quando lhes disse, esta manhã, que, no quinto mistério gozoso, rezava por eles.

Quando rezo o terceiro mistério gozoso e medito no Nascimento de Jesus, lembro-me de todas as crianças que nascem nessas vinte e quatro horas, para que, católicos ou não, tenham a oração e as saudações do Papa, ao enfrentarem a vida. Quando disser o terceiro mistério gozoso, recordar-me-ei também das suas crianças, minha senhora».

Se os sacerdotes, antigos ou modernos, rezassem como o Papa, lembrando as necessidades das suas freguesias, especificando os seus paroquianos por idades, situações sociais ou bairros habitacionais, com certeza que o seu ministério seria mais fecundo. O mal avança porque muito se fala e pouco se reza.

Intervenções do Amor da Família

SE o amor não é um sentimento teórico mas algo que exige concretização prática, e se a família tem de ser o primeiro objecto do nosso amor — o pai e a mãe, por exigência desse mesmo amor, devem ter frequentes intervenções na vida dos filhos.

Embora se não possa apresentar uma norma rigorosa de todas essas intervenções, porque elas dependem de muitas circunstâncias, de pessoa, de tempo e de lugar, podem-se, sim, apresentar exemplos de oportunas intervenções da família. A convivência de toda ela — pai, mãe e filhos — é base dessas intervenções e exigência do mesmo amor. O lar não é uma pensão, e deve proporcionar aos membros da família, com o amor, a alegria, a paz e o repouso.

O pai e a mãe devem preocupar-se com a educação religiosa. Eles mesmos devem procurar ser mestres mas se, sob esse aspecto, não puderem instruir e formar totalmente as almas dos filhos, empenhem-se a sério em dar-lhes bons catequistas e proporcionar-lhes o melhor aproveitamento, sem se dispersarem nos caminhos nem, o que seria pior, serem vítimas de escândalos.

No que diz respeito à escola, quase se poderia repetir o que se aconselha quanto à catequese.

Antes de ensinarmos por palavras — e as intervenções têm de ser assíduas — temos de ensinar os nossos filhos pelo exemplo.

A educação é um todo único. Trata-se de ensinar e dar desejos de perfeição em tudo. Catequese e escola, lar e companhias, devem contribuir, pelo nosso esforço e desejos grandes, para fazer caminhar os filhos em todas as virtudes sobrenaturais e humanas.

Verdade e justiça. Quem se importa hoje com elas?! Para não

irmos mais longe, basta repararmos em certos aspectos da moda feminina. Quer-se parecer o que se não é, ainda quando contra todo o bom senso. Tudo se pinta, tudo se finge! Que prazer, pergunto eu, podem sentir essas pessoas em parecer o que não são, em iludir-se a si próprias e enganar os outros?! — Naturalidade, ensine-se a naturalidade aos nossos filhos (começando pela sua prática em nós mesmos)!

O sentido dos outros. Temos de ensinar aos nossos filhos que eles são irmãos dos outros homens, aos quais devem respeitar e amar. Intervir, sim, pessoalmente, nesta educação, e mostrar aos filhos que também é esse o nosso proceder. Muito vantajosa, também neste aspecto, a prole numerosa. Os irmãos de sangue temos de os ensinar a reconhecerem aos outros os direitos que querem para si.

Os mistérios da origem da vida... Creio ser também aos pais que pertence desvendá-los aos filhos, segundo a idade.

Consta-me que, há muitos anos, em determinada paróquia de certa diocese, uma catequista dizia assim, ao ensinar os sacramentos: ... 6.º, Ordem, 7.º, não se diz.

Ora, por que é que se não havia de falar no Matrimónio?! — Creio que certas dúvidas quanto a isto de revelar ou não revelar estes mistérios nascem duma confusão. O que se passa no Matrimónio quanto à origem de novos seres tem tanta grandeza que deve santificar os esposos. Só fora do Matrimónio é que o Senhor não quer que tais actos se pratiquem.

Ao ensinarmos a nossos filhos aquela parte da *Ave-Maria*: «Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus», temos de ter, aliás, uma de duas atitudes: adiantarmo-nos a explicar o sentido dessas palavras ou, se eles o perguntam, esclarecê-los sobre isso.

Há duras experiências resultantes de brutais iniciações sexuais dos companheiros... que poderiam ter-se evitado, se os pais de tais crianças de outrora as tivessem esclarecido e prevenido a tempo!

REBELO DOS SANTOS

AGRADECEM AO FRANCISCO

Barbara Rodrigues, Grana do Paiva, a cura dum animal doente, cuja morte muito a prejudicaria.

Maria Amélia Faria, Barcelos, a cura do seu neto que tinha princípios de doença grave.

Paulo Maria de Sousa, Açores. Em Dezembro de 68, depois de muito ter estudado, preparou-se, com confiança, para um exame que faria no dia seguinte. Inexplicavelmente, porém, uma grande insónia apoderou-se dele durante a noite. Prevendo já quanto lhe seria prejudicial, se não dormisse o suficiente, recorreu ao Francisco que lhe concedesse a graça de dormir ao menos um pouco e de o ajudar durante as provas. De facto, conseguiu ainda dormir meia hora e fez um exame razoável com o qual obteve boa classificação.

Frizalina Borba Gomes Silva, Lisboa. Seu marido, chefe duma repartição onde se havia dado um desastre, foi levado a tribunal, por não querer culpar, por generosidade, um dos elementos do seu pessoal. No meio de grande aflição resolveu recorrer ao Francisco que lhe concedesse a graça de seu marido ficar livre e ilibado de qualquer culpa, o que de facto se verificou.

Maria C., Coimbra, a conversão de um seu irmão.

João Martins Duarte, Carvalhal, as melhoras de grave doença cardíaca.

Armindo Carlos Seixas, Castelo de Vila Rica, a cura duma grande infecção no queixo.

Maria Júlia Bragança de Sousa, Porto, a graça de uma sua neta ter sido aprovada no exame do 5.º ano.

Mário da Rosa Serpa, Açores, várias graças.

Dulce de Pinho Pereira, Gaia. Tendo um filho de tenra idade bastante doente, consultou vários médicos, um dos quais lhe disse ser princípio de meningite. Foram-lhe receitados vários medicamentos

que, no entanto, não faziam baixar a febre que atingira já os 40 graus. Recorreu, então, ao Francisco e logo se verificaram acentuadas melhoras.

Manuel Pedro Santa Clara Nunes, Elvas. Há sete anos que sofria duma hérnia inguinal direita e tão grande era o sofrimento que tinha de estar constantemente ligado para que o intestino não saísse pela rotura, o que sucedia, logo que tirasse a protecção. No meio de tão grande sofrimento, recorreu ao Francisco e já passou um mês e nunca mais foi necessário usar qualquer protecção, devido às melhoras acentuadas que imediatamente sentiu.

Menino Jesus!

*Como eu Te vi! Deitado nas palhinhas,
Numa manjedoura entre os animais;
Nas faces redondinhas umas covinhas,
Nos Teus olhos divinos a luz brilhava mais.*

*Na boquita rosada um meigo sorriso,
Sorriso de paz, de fé, de esperança;
Nas mãos pequeninas todo o paraíso,
Espalhando luz, amor, confiança.*

*A estrela divina brilhava, brilhava,
Mostrando ao mundo a estrada da Luz,
E Nossa Senhora, sorrindo, rezava.*

*Nas sombras da noite a cabana reluz;
Um coro de anjos alegre cantava:
— Salve! Salve! Glória a Deus, nasceu Jesus.*

Aldeia Nova de S. Bento

DIONÍSIO ROSÁRIO

Uma graça da Jacinta

Maria da Conceição Sousa — Paredes do Bairro. Seu filho, que vive em África, adoeceu gravemente a ponto de os médicos o aconselharem a vir-se tratar na Metrópole, o que seria bastante penoso para ele, pois perderia o emprego e ficaria, portanto, em sérias dificuldades financeiras. Aflição, mas confiante, recorreu à Jacinta iniciando-lhe uma novena. No último dia da novena recebeu a notícia de que os médicos o tinham dado como completamente restabelecido.

Paulo VI e o Rosário

COM a data de 7 de Outubro de 1969, festa de Nossa Senhora do Rosário e aniversário do quarto Centenário da Bula de São Pio V sobre esta devoção, o Santo Padre dirigiu uma exortação ao mundo inteiro. Esse documento é apelo à oração pela paz e calorosa apologia do Rosário.

Começa Sua Santidade:

«O aproximar-se mais uma vez do mês de Outubro proporciona-Nos o ensejo de convidar novamente o povo cristão à prática de uma forma de oração justificadamente querida à piedade católica e que nada perdeu da sua actualidade nas dificuldades da hora que passa: queremos referir-Nos à recitação do Rosário da Santíssima Virgem Maria...

Acresce que um aniversário Nos convida também a retomar uma tal prática, com maior confiança ainda: o quarto centenário da Bula «Consueverunt Romani Pontifices», com a qual São Pio V definiu a forma, sempre actual, do Rosário, numa época de perturbações para a Igreja e para o mundo. Fiel a esta herança tão santa, na qual o povo cristão não deixou nunca de haurir força e coragem, Nós queremos exortar o clero e fiéis a que peçam instantemente a Deus, pela intercessão da Virgem Maria, a paz entre os povos.»

A paz é problema dos homens, mas é sobretudo dom de Deus. Que devemos fazer para alcançá-la? Rezar.

«A oração com a qual pedimos o dom da paz é, por conseguinte, um contributo insubstituível para a instauração da mesma paz. E é por Cristo, em Quem nos são dadas todas as coisas, que nós nos dispomos para acolher o dom da paz. Sendo assim, como não deveríamos nós desejar apoiar-nos, ao fazer a nossa diligência, na intercessão incomparável de Maria, Sua Mãe, da qual o Evangelho nos revela ter «Ela achado graça diante de Deus?»

Ela é a humilde Virgem de Nazaré, que se tornou a mãe do «Príncipe da Paz», d'Aquele que nasceu sob o signo da paz e que proclamou perante o mundo: «bem-aventurados os construtores da paz, porque eles serão chamados filhos de Deus». — Ora, o Evangelho ensina-nos que Maria é sensível às necessidades dos homens. Em Caná, Ela não hesitou em intervir para proporcionar a alegria àqueles aldeões que tinham sido convidados para umas bodas. Como deixará Ela de intervir pela paz, esse bem tão precioso, se nós soubermos invocá-la com um coração sincero?

— O II Concílio do Vaticano, recentemente, recordou com oportunidade isso mesmo: Maria continua a interceder junto de seu Filho, Cristo Jesus, pelos seus filhos que peregrinam ainda na terra. Aquele que Lhe dizia, muito simplesmente, «eles não têm vinho», Cristo respondeu com generosidade. Como deixará Ele de

manifestar a mesma prodigalidade perante este outro pedido: «eles não têm paz?»

II. A NOSSA ORAÇÃO PELA PAZ

«Se cada um, na «medida das suas forças e das suas possibilidades» deve saber agir pela justiça e pela paz no mundo, cada cristão deve pôr todo o empenho em pedir a Maria, em rezar connosco e por nós, para que nos seja concedida aquela paz que só o Senhor nos pode dar. Mais ainda: meditando nos mistérios do santo Rosário, nós aprenderemos, a exemplo de Maria, a tornar-nos almas de paz, no contacto amoroso e incessante de Jesus e dos mistérios da sua vida redentora.»

III. ORAÇÃO UNIVERSAL

O Santo Padre convida todos os seus filhos a rezar: as crianças e jovens, doentes e velhinhos, adul-

tos, almas consagradas, sacerdotes e bispos.

«Neste desejo ardente de paz, que é «fruto do Espírito», nós devemos manter-nos todos, como os apóstolos no Cenáculo, «em oração com Maria, mãe de Jesus».

«Rezaremos por todos aqueles que trabalham pela paz no mundo, desde as mais remotas aldeias até às maiores organizações internacionais.»

IV. BÊNÇÃO

Conclui Sua Santidade a sua bela exortação com estas palavras:

«Nós mesmo, veneráveis irmãos e dilectos Filhos, não cessaremos de trabalhar e de rezar pela paz, como Vigário d'Aquele que «é a nossa paz... que levando em si próprio a morte à inimizade... veio para anunciar a paz»...

«Que a frequente meditação dos mistérios da nossa salvação faça de nós obreiros da paz, à semelhança de Cristo e segundo o exemplo de Maria. Que o Rosário, com aquela forma que lhe deu São Pio V e também com as outras mais recentes que

o adaptaram às necessidades do nosso tempo, com o consentimento da autoridade legítima, que ele seja verdadeiramente, conforme o desejo do nosso querido predecessor João XXIII, «uma grande oração pelas necessidades ordinárias e extraordinárias da Santa Igreja, das nações e do mundo inteiro», este Rosário que é «como o Evangelho abreviado» e que já se tornou uma devoção da Igreja.

Por meio desta oração a Maria Santíssima, Mãe de Deus e Mãe nossa, nós prestaremos o nosso contributo, para que se realize o voto do recente Concílio: «Todos os fiéis dirijam súplicas instantes à Mãe de Deus e Mãe dos homens, para que ela, que assistiu com as suas orações aos alvares da Igreja, também agora, exaltada no Céu, acima de todos os Anjos e Bem-aventurados, interceda junto do seu Filho, na comunhão de todos os Santos, para que todas as famílias dos povos, quer se honrem do nome cristão, quer desconhecem o Salvador, se reúnam em paz e concórdia no único Povo de Deus, para a glória da Santíssima e Indivisa Trindade».

Agradecem à Jacinta

Margarida de Freitas, Pico, Açores, uma graça não especificada.

Maria do Carmo Cardoso, uma grande graça.

Maria Júlia de Matos, Lisboa, as melhores dum grave doença de sua mãe e o bom resultado num concurso.

Cândido Reis, Espinho, a graça de ter passado no 2.º ano liceal.

Ricardo Jordano Andrade Brito, Brasil, o ter passado no exame de aptidão à Universidade, o que havia três anos vinha tentando.

Luís F., Coimbra, o ter conseguido um emprego.

Idalina das Neves Vasconcelos Araújo, Ginetes, a sua cura, depois de ter estado internada num hospital sem o seu juízo perfeito.

Maria Amélia Cansado, Ribeira Grande, Açores, uma graça não especificada.

Fernando Soares de Oliveira, Figueirosa, o bom resultado nos seus exames e a cura dum crises intestinais que muito o afligiam.

Inácia Lopes, Barrocaria, várias graças não especificadas.

Maria do Carmo Rebelo, Recife, Brasil, a graça de uma sobrinha ter terminado o curso de contabilidade.

Maria de Lourdes Lopes Casanova, V. N. de Gaia, a cura de grave doença na boca que a impedia de comer.

Maria Henriqueta Afonso, Nova Lisboa, várias graças temporais e espirituais.

Maria Augusta Ramos, Arcas. Depois dum intervenção cirúrgica ao membro inferior direito que se encontrava gessado, verificou que não conseguia mexer os dedos do pé. Temendo nova intervenção, correu à Jacinta e sentiu imediatamente as melhoras.

Mariana Silva, uma graça não especificada.

Maria Luisete de Almeida, uma graça, não especificada.

Irmã Isabel Gonçalves, Lisboa, uma grande graça.

Armanda Castanheira, Alfarelos. Deu uma queda e aleijou-se numa perna mesmo no sítio onde tem um aparelho de

metal, sem o qual não podia andar. Dentro de três semanas já pouco andava e se o fazia era agarrada às paredes ou a quem tivesse à mão. Afrita, recorreu à Jacinta e, pouco depois, começou de novo a dar uns passos, encontrando-se hoje boa como antes da queda.

Zilda de Albuquerque, Brasil. Achan-do-se sua mãe, já de idade avançada, gravemente enferma, sem conseguir alimentar-se em consequência de duas úlceras, necessitava de ser imediatamente operada. Para tal já se havia internado num hospital e preparava-se para a operação que deveria ser efectuada no dia seguinte, mas temia-se o resultado, em vista do seu delicado estado de insuficiência cardíaca. Nesta angustiada aflição, lembrou-se de recorrer à Serva de Deus Jacinta Marto. Devido a circunstâncias especiais e estranhas ao caso, suspendeu-se a operação. Os vômitos cessaram e a doente começou a melhorar sensivelmente, até que se restabeleceu por completo.

Dília Augusta Fernandes, Chaveiro, o ter conseguido um parto normal e ainda as guias da Câmara para seu internamento no hospital.

Elisa de Carvalho, Portimão, uma graça não especificada.

Noémia Portugal Guichard, duas graças.

Maria de Fátima, várias graças em seu favor e de sua mãe.

Irene Accioly de Sousa, Brasil, a graça de se ter conseguido normalizar a situação dum irmão que veio a falecer, deixando a viúva e filho amparados.

Maria José de Abreu, Brasil, o ter conseguido voltar para a fábrica como de-sejava.

Maria Martins dos Santos, Seia, a graça de sua sobrinha ter ficado aprovada nos exames do 7.º ano e de aptidão à faculdade.

«Igreja Portucalense»

Acaba de sair o 1.º número de «IGREJA PORTUCALENSE», o novo Boletim da Diocese do Porto. Trata-se dum publicação trimestral que inclui a documentação diocesana, crítica de livros, estudos e trabalhos pastorais, textos importantes sobre os problemas da Igreja de hoje, além de ser um ponto de encontro para a discussão dos problemas da Igreja da Diocese do Porto.

Este 1.º número, agora vindo a público, inclui um magnífico prefácio do Senhor Bispo do Porto, além dum não menos notável homilia proferida no encerramento das comemorações centenárias de Penafiel. Inclui documentos referentes à estruturação pastoral da Diocese, dos Serviços da Casa Episcopal e do Seminário. Na secção «Estudos e Trabalhos» poderá ler-se um bem elaborado ensaio de sociologia religiosa referente à zona ribeirinha da cidade do Porto feito por um grupo de sacerdotes. Insere ainda uma secção de «Factos» onde se dá conta dos vários acontecimentos da vida diocesana desde o regresso do Senhor D. António Ferreira Gomes.

Uma sugestiva apresentação gráfica sublinha o valor desta publicação, e faz-nos aguardar com interesse os números futuros.

«IGREJA PORTUCALENSE» é publicada pela casa editora da Diocese do Porto, que já edita o jornal VOZ PORTUCALENSE, na Rua de Santa Catarina, 521 — Porto.

A TODOS OS ASSOCIADOS DA PIA UNIÃO DOS CRUZADOS DA FÁTIMA, FILIADOS DO EXÉRCITO AZUL, ASSINANTES E LEITORES DA «VOZ DA FÁTIMA» DESEJAMOS

BOAS-FESTAS NA ABUNDÂNCIA DAS BÊNÇÃOS DO MENINO JESUS